

ESTUDO GEOAMBIENTAL NO MANGUEZAL DO JEQUIÁ, RIO DE JANEIRO.

Beatriz da Costa Figueiredo - Geógrafa - bfig@bol.com.br

Reiner Olíbano Rosas - Prof. Adj. Dep. Geografia/UFF - reiner@vm.uff.br

Introdução: No Brasil, após séculos de intensa exploração dos recursos naturais, foram destruídas as exuberantes matas nativas e os povos indígenas que aqui residiam quase foram extintos. No caso da Ilha do Governador não foi diferente, restaram apenas pequenas áreas passíveis de recuperação e preservação. Dos manguezais existentes na Baía de Guanabara, cinco estão no Ilha do Governador e, com exceção do Manguezal do Jequiá, encontram-se em adiantado estágio de erradicação. A área de estudo é constituída pelo Manguezal do Rio Jequiá e seu entorno, sobretudo o Morro do Matoso (Reserva de Preservação Ambiental – Marinha), a Colônia de Pescadores Z-10 e ruas adjacentes. Possui cerca de 1,27 Km², estendendo-se da Praia do Golfinho (SO) até a Praia do Zumbi (SE), Ilha do Governador, Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro

Metodologia: O estudo da região do manguezal do Jequiá foi realizado durante dois anos, e neste período houve uma série de trabalhos de campo onde, foram levantadas as características ambientais e sociais da área. Foi elaborado um mapa Geoambiental com o auxílio de fotografias aéreas na escala 1:8.000, onde foram identificadas as diversas Unidades Geoambientais associando a elas os aspectos da ocupação e da degradação dos ecossistemas.

Resultados: As funções ecológicas do manguezal são bastante conhecidas, destacando-se a estabilização da linha de costa, a retenção e seleção de sedimentos carregados pelos rios, a ação depuradora, a concentração de nutrientes (rio/mar) e importância como ambiente de reprodução da fauna aquática e da avifauna costeira. O manguezal do Jequiá, pertence à fisionomia ribeirinha, com bosques ocupando o estuário deste rio, podendo ser classificado como um ecossistema fortemente degradado que ainda sofre algumas agressões já que todo seu entorno é densamente urbanizado. No período de chuvas, observa-se um longo tempo de inundação da planície de maré. O estuário é uma região úmida, plana, rasa e fortemente assoreada por sedimentos e lixo de várias origens trazidos pelo rio e pelas correntes ou ondas vindas da Baía de Guanabara. Também provocaram grandes impactos no ecossistema o desmatamento da vegetação ciliar e os aterros que barram o fluxo na foz do rio e interfere no fluxo das marés. A região estuarina onde está localizado o manguezal pode ser dividida em três setores, no sentido do Saco do Jequiá. O primeiro começa no final da canalização do rio, possui um campo de futebol, não é edificado mas sofre com aterros. O segundo abrange a área de maior preservação onde foram observadas espécies nativas e de transição. A siriúba e o mangue-branco ocorrem com maior frequência, sendo o segundo a espécie dominante. O mangue-vermelho ocorre com menor intensidade. Tanto o mangue-branco como a siriúba, apresentam um complexo sistema de respiração por meio de raízes aéreas (pneumatóforos) que emergem do sedimento para fazer a troca de gases com a atmosfera. A Laguncularia racemosa possui tronco pouco desenvolvido em relação às outras espécies e suas folhas têm grande concentração de tanino. A paisagem se mostra bastante alterada pela presença de espécies invasoras, além da grande quantidade de espécies de transição, configurando a vegetação dominante. Também foi observada a presença de capim-colonião (*Panicum maximum*), uma espécie exóticas que possui grande capacidade de colonização, competindo com as espécies nativas por espaço e alimento.